



A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA NA FORMAÇÃO DOCENTE: O PIBID DE PORTUGUÊS NAS ESCOLAS DE MARABÁ-PA^o

Edimara Ferreira Santos¹

Daniella Froz Neta²

RESUMO

A importância de desenvolver projetos de pesquisa, extensão e ensino com foco nos recortes de gênero, raça e classe é fundamental para desconstruir a concepção hegemônica de que a Literatura Brasileira é composta exclusivamente por homens brancos e pertencentes às elites nacionais. Tal abordagem possibilita uma reflexão acerca da construção da História da Literatura Brasileira, que, historicamente, esqueceu, apagou e silenciou as produções literárias de mulheres e homens negros, tanto nas ementas dos cursos de Letras das universidades quanto nos livros didáticos das escolas brasileiras. Por esse motivo, este trabalho tem como objetivo socializar os resultados obtidos, até o momento, no subprojeto intitulado “Práticas de leituras literárias de contos e crônicas de autoras e autores negros contemporâneos como estratégias de iniciação à docência”, desenvolvido em três escolas do município de Marabá, no estado do Pará, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Como parte das experiências de leitura literária, foram realizadas oficinas presenciais a partir dos contos “O Tapete Voador” e “Pixaim”, ambos da escritora Cristiane Sobral (1974–), e da crônica “Os meninos do Morro da Lagartixa”, da escritora Cidinha da Silva (1967–). O referencial teórico que embasa este trabalho fundamenta-se em autores como Azevedo (2021), Sodré (2020), Cuti (2010), Evaristo (2005; 2020), Petit (2013), entre outros. As atividades de leitura e reescrita realizadas pelos participantes do subprojeto — que incluem licenciandos do curso de Letras-Português e da educação básica do 8º ao 9º ano — evidenciaram a importância das literaturas de mulheres e homens negros como construções de ações voltadas a uma educação antirracista e a efetivação do letramento racial, bem como ampliou o interesse dos participantes do subprojeto pelas leituras literárias de obras de autorias negras.

Palavras-chave: Literatura negro-brasileira, Práticas de leituras literárias, Educação antirracista.

INTRODUÇÃO

A literatura negro-brasileira tem sido um espaço fomentador de debates e registro de experiências e escrituras, bem como instrumento de construção de saberes indisciplinados e insubmissos nos espaços escolares e não-escolares, funcionando como oposição à História e cultura coloniais, ao privilegiar obras, autores e autoras e personagens que falam das margens sociais, repudiando o lugar de objeto discursivo para assumir-se como sujeitos produtores do próprio discurso, ou seja, que narram a sua História, rompendo e/ou subvertendo a lógica eurocêntrica. Nesse sentido, não basta apenas opor-se à narrativa

^o O artigo é resultado das atividades desenvolvidas ao longo do ano de 2025 pelo PIBID-Português da Unifesspa, com financiamento da CAPES.

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: edimara@unifesspa.edu.br

² Professora de Língua Portuguesa da rede municipal de Marabá/PA. E-mail: daniellafroz@hotmail.





dominante e colonial, urge escrever outras narrativas, protagonizadas por sujeitos negros e negras e afro diaspóricas/os, que, a partir da fabulação, escancaram problemas sociais tais como o racismo, o sexismo, a fome, a miséria, a exploração, violências racistas e de gênero.

O presente artigo ora apresentado tem como objetivo central socializar as atividades realizadas, até o presente momento, no subprojeto “Práticas de leituras literárias de contos e crônicas de autoras e autores negros contemporâneos como estratégias de iniciação à docência” no âmbito do PIBID da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), durante os meses de maio e junho de 2025, nas escolas Jonathas Pontes Athias, Dr. Inácio de Sousa Moita e Oneide de Souza Tavares, localizadas no município de Marabá/PA, por meio de oficinas presenciais com os contos “Pixaim” e “O Tapete Voador”, inseridos na coletânea *O Tapete Voador* (2016), da escritora negra Cristiane Sobral, e com a crônica “Os meninos do Morro da Lagartixa”, presente na coletânea *#Parem de Nos Matar* (2019), de Cidinha da Silva.

Outro objetivo é expor as estratégias didáticas e pedagógicas, por meio de práticas de leitura literária de contos e crônicas de autoras e autores negros contemporâneos, com o intuito de incentivar a criação e o fortalecimento de práticas docentes antirracistas, em conformidade com a Lei nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas de todo o Brasil.

Assim, o presente artigo apresenta 7 seções dispostas da seguinte maneira: a) introdução; b) oficinas literárias antirracistas: uma proposta metodológica; c) A literatura negro-brasileira: um debate urgente; d) A recepção da literatura de autoria negra nas escolas de Marabá/PA: resultados e discussão; e) À guisa de conclusão; f) Referências.

OFICINAS LITERÁRIAS ANTIRRACISTAS: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

O PIBID-Português da Unifesspa vem desenvolvendo o subprojeto *Práticas de leituras literárias de contos e crônicas de autoras e autores negros contemporâneos como estratégias de iniciação à docência* que conta com a participação de 24 (vinte e quatro) bolsistas/pibidianos do curso de Letras - Português. Esse subprojeto tem como objetivo ampliar o interesse dos licenciandos pela leitura literária de obras de autoria negra e, sobretudo, apresentar estratégias de fortalecimento de ações e práticas antirracistas na formação dos futuros docentes em Letras - Português. Além disso, busca enriquecer, ampliar e atualizar o processo formativo dos licenciandos do curso, expandindo o repertório de literaturas, referências e autores essenciais à formação crítica e contemporânea desses estudantes.





A inserção dos(as) licenciandos(as) no contexto escolar foi organizada em várias etapas, levando em consideração o Projeto Político-Pedagógico (PPP) como um documento a ser consultado permanentemente, por seu potencial de nortear a formulação de estratégias dentro das escolas. Para isso, foi estabelecido e distribuído um conjunto de atividades a serem desenvolvidas durante a vigência do subprojeto. Uma etapa importante foi a realização propriamente dita das oficinas de leitura literária antirracistas com os(as) licenciandos(as), os(as) supervisores(as) e os(as) alunos(as) das escolas públicas selecionadas para o PIBID, ocorrida nos meses de maio e junho de 2025.

As oficinas realizadas, com contos e crônicas de autoria negra, tiveram o intuito de proporcionar o interesse pelas leituras literárias de obras de escritoras/res negras/os contemporâneas/os e, sobretudo, incentivar ações e práticas antirracistas em consonância com a Lei 10.639 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas de todo Brasil. Além disso, o desenvolvimento das oficinas contribuiu com a inclusão de temas étnico-raciais através de leituras de contos e crônicas de autoria negra nos espaços escolares e fora deles, bem como apresentou aos participantes que a literatura escrita por homens e mulheres negras são ferramentas no combate as situações de racismo, machismo e sexismo.

O processo metodológico para cada oficina foi aplicado às literaturas curtas de mulheres e homens negras/os contemporâneas/os a partir de quatro passos metodológicos: *sensibilização*, *antecipação*, *leitura e interpretação*, propostos por Michelleti (2000) e Corsi (2015) que defendem a ideia de que é preciso sensibilizar o leitor do texto literário, oferecendo-lhes diferentes contatos com este texto a partir da aproximação da realidade social e psicológica.

A oficina aplicada na Escola Oneide Tavares de Souza foi realizada nas turmas do 9º ano com o conto “Pixaim”, da escritora Cristiane Sobral. Assim, a oficina foi proposta a partir de quatro etapas metodológicas: *sensibilização* (foi exibido o curta-metragem *Amor pelo Cabelo* para iniciar a discussão sobre a representatividade do povo negro, a partir da valorização do cabelo); *antecipação* (foram selecionadas palavras-chave que caracterizassem a temática e as causas defendidas pela autora do conto. Em seguida, realizou-se uma breve apresentação da biografia de Cristiane Sobral (1974-), da coletânea *O Tapete Voador*, bem como da estrutura e das temáticas dos contos, considerando: a) o título do livro; b) a capa; c) as temáticas abordadas); *leitura* (foi realizada uma leitura compartilhada e coletiva, guiada por questões motivadoras, como: “O que vocês entendem por racismo, identidade e





representatividade negra?”); *Interpretação* (os alunos produziram um bilhete endereçado à personagem-narradora do conto, contendo todos os elementos estruturais desse tipo de texto).

A oficina em que foi aplicada o conto “O Tapete Voador”, também da escritora negra Cristiane Sobral, ocorreu nas turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, nas escolas Jonathas Pontes Athias e Dr. Inácio de Sousa Moita, baseada em quatro etapas metodológicas: *sensibilização* (contato com placas de imagens de mulheres negras e suas histórias de vida); *antecipação* (orientação para que os participantes comentem sobre o que a narrativa trata); *leitura e interpretação* (os alunos receberam a primeira parte do conto, levantaram suposições sobre o final da narrativa e, em seguida, leram o desfecho). As estratégias de antecipação do tema, leitura, interpretação, debate, e o diálogo entre um homem negro e uma mulher negra com construções de identidades diferenciadas foram imprescindíveis para este momento. Além de apresentar uma breve biografia da autora para situar que o conto foi escrito por uma autora negra, do século XXI.

A oficina com a crônica “Os meninos do Morro da Lagartixa”, da escritora Cidinha da Silva, ocorreu nas três escolas com os alunos do 8º e 9º ano da Educação Básica. Assim como a primeira oficina, foram propostas quatro etapas metodológicas: *sensibilização* (após a performance intitulada “corpo-memória”, os participantes reconstruíram por meio de lembranças episódios de suas histórias de vida para responder a duas provocações: 1- O que te prende? 2- O que te liberta?); *antecipação* (breve apresentação da biografia da autora negra Cidinha da Silva e do livro a partir da sua estrutura: título do livro *#Parem de nos Matar*, a capa, as crônicas presentes na obra e as temáticas que a atravessam.); *leitura* (leitura compartilhada da crônica com todos os participantes, seguida de abertura para comentários e seleção das principais partes do texto.); e *interpretação* (explicação sobre a técnica do Fanzine, distribuição de jornais e revistas para os grupos realizarem a atividade de produção de suas narrativas baseadas na crônica lida e socialização dessas produções).

A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA: UM DEBATE URGENTE

A literatura negro-brasileira e/ou afro-brasileira, enquanto conceito, ainda não possui uma definição precisa e consensual, pois não há concordância entre autores e pesquisadores sobre o tema. Em sua obra *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea* (2010), a escritora e pensadora negra Miriam Alves afirma que “a literatura afro-brasileira, no âmbito acadêmico brasileiro, ainda é território de polêmicas conceituais” (p. 42).

Com o objetivo de estabelecer um diálogo e, possivelmente, um consenso, diversos pesquisadores contemporâneos têm se debruçado sobre as produções literárias de mulheres e





homens negros, buscando dar visibilidade a essa produção, bem como construir uma teoria, uma crítica literária, um *corpus* e um campo específico de estudo para essa literatura.

Nesse sentido, o primeiro teórico que trazemos para a discussão é o Luiz Silva, pseudônimo de Cuti, um dos pioneiros no debate da literatura negra, que afirma que essa literatura é originada na e pela população negra, sendo fundamentada na construção de sua subjetividade e na luta participativa dessa população nos rumos da narrativa brasileira, pois “o surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes a sua formação” (Cuti, 2010, p.1).

O segundo importante teórico é o Eduardo de Assis (2017) que pontua cinco fatores fundamentais para a construção do conceito de literatura negra, a saber: *a temática*, que se refere à experiência e vivência da pessoa negra no texto literário; *a autoria*, na qual o sujeito negro se torna enunciador de sua própria narrativa, imprimindo seu modo particular de ver, sentir e compreender o mundo; *o ponto de vista*, que expressa uma visão de mundo própria e distinta da perspectiva branca, funcionando “como superação da cópia de modelos europeus e de toda a assimilação cultural imposta como única via de expressão (Duarte, 2017, p. 18); *a linguagem*, baseada em uma discursividade própria, marcada por traços que remetem a heranças linguístico-culturais africanas; *um público específico*, “marcado pela diferença cultural e pelo anseio de afirmação identitária” (Duarte, 2017, p. 20). Todos esses fatores, segundo Eduardo de Assis Duarte, compõem o rosto do projeto literário afro-brasileiro.

O terceiro teórico a contribuir para esse debate é o Edimilson Pereira (2022) que afirma que o conceito de literatura negra e/ou afro-brasileira é construído a partir de duas instâncias: a primeira está vinculada à experiência histórica e social do autor; e a segunda, à produção do texto como um espaço de reflexão sobre essa experiência. Para este teórico, o autor negro tanto na prosa quanto na poesia é um sujeito inserido na História. A violência sofrida pelo povo negro cujos direitos foram historicamente violados pela escravidão, pela diáspora e por diferentes formas de opressão que impediram o ser-pensar-existir no Brasil, é um aspecto presente no texto literário desses escritores. Assim, a literatura negra e/ou afro-brasileira se constrói, simultaneamente, como elaboração artística e como reivindicação dos direitos sociais dos sujeitos negros.

Por fim, o teórico Luiz Maurício Azevedo (2021), que publicou recentemente o livro *Estética e raça: ensaios sobre a literatura negra*, também propõe um conceito para a literatura afro-brasileira. Para ele, essa literatura é construída a partir das experiências histórico-materiais da comunidade negra. É necessário centralizar o debate sobre essa produção com o cânone nacional, com sua eventual crise, e analisar de que forma esse





processo tem alterado a configuração da literatura brasileira e qual é a extensão dessas mudanças, pois para ele o “cânone é uma bússola para a literatura de um país, mas mesmo as bússolas necessitam de regulagem às vezes, para que não apontem o norte como se fosse o sul, enviando viajantes para onde eles já não necessitam ir” (Azevedo, 2021, p. 55).

A RECEPÇÃO DA LITERATURA DE AUTORIA NEGRA NAS ESCOLAS DE MARABÁ/PA: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após uma breve apresentação das questões teóricas sobre a importância e a urgência de se debater o conceito de literatura negra e/ou afro-brasileira, passamos à análise dos resultados das oficinas aplicadas nas turmas das três escolas de Marabá/PA, bem como da recepção em cada uma delas.

Iniciamos pela Escola Oneide de Souza Tavares, onde a primeira oficina literária desenvolvida teve como base o conto “Pixaim”, conforme descrito nas etapas metodológicas acima. A narrativa presente na coletânea *O Tapete Voador*, de 2016, apresenta a história de uma personagem negra que, ao longo de sua vida, enfrenta conflitos com a mãe, que tenta embranquecê-la a todo custo, especialmente no que diz respeito ao seu cabelo, como podemos observar no seguinte trecho: “os ataques começaram quando fui apresentada a alguns pentes estranhos, incrivelmente frágeis, de dentes finos, logo quebrados entre as minhas madeixas acinzentadas. Pela primeira vez ouço a expressão cabelo “ruim”” (Sobral, 2016, p. 37).

O conto foi apresentado aos 62 alunos, que, pela primeira vez, tiveram contato com a literatura breve da escritora negra Cristiane Sobral. Neste momento, a supervisora Fabiane Silva, uma mulher negra, compartilhou as dores e os preconceitos enfrentados ao longo de sua história de vida, principalmente em relação ao racismo sofrido por conta de seus cabelos crespos. Narrou que, desde pequena, não se identificava com seu cabelo, pois sua identidade era afetada por diversos adjetivos pejorativos, como “cabelo bombril” e “cabelo ruim” que a acompanharam por parte de sua vida, situação semelhante à vivida pela personagem-protagonista do conto em debate.

Na sequência, foi realizada a etapa da leitura compartilhada com a leitura do conto, apontando questões relevantes para pensarmos sobre o racismo, principalmente, sobre o preconceito dos cabelos das mulheres negras ou afrobrasileiras, como apontamos na Figura 01:

Figura 01: Momento da leitura do conto “Pixaim”.





Fonte: Arquivo do subprojeto, 2025.

Neste momento, percebemos que, durante a leitura coletiva, os estudantes demonstraram maior concentração, pois os bolsistas PIBIDIANOS destacaram as partes mais relevantes do conto, com o intuito de promover uma melhor compreensão do material exposto.

Por fim, foi realizada a atividade de interpretação em que os participantes foram convidados a escrever bilhetes endereçadas à protagonista, incentivando-a a valorizar suas raízes ancestrais, como podemos visualizar na produção textual envolvendo dois alunos³. A produção escrita a seguir está tal como foram escritos.

Quadro 01: Produção textual que se refere ao bilhete destinado a personagem do conto “Pixaim”.

Pará, 19 de maio de 2025.

Minha querida Anne.

Escrevo essas palavras com um profundo orgulho de você por se aceitar do jeitinho que você é, saiba que você já é linda desse jeitinho e que seu cabelo é perfeito. Não esqueça a cabeça com a sua mãe ela só faz essas coisas para te proteger mas, no fundo ela acha seu cabelo lindo e tem muito orgulho de você seja forte e corajosa!!!

Com todo orgulho.

Assinado: Alunos participantes da oficina.

Fonte: Arquivo do subprojeto, 2025.

Percebemos que o bilhete exposto acima apresenta os elementos básicos e estruturais, como: o local, a data, o destinatário, a mensagem, a despedida e o remetente. Além disso, no conteúdo do bilhete, os alunos participantes atribuíram um nome à personagem, chamando-a de Anne, sendo que, no texto original, a autora não estabeleceu um nome para a protagonista. Isso nos leva a dialogar com o pensamento de Petit (2013), que aponta a seguinte consideração: “o leitor [do texto narrativo] não consome passivamente um texto, ele se apropria dele, o interpreta deturpa seu sentido, desliza sua fantasia, seu desejo, suas angústias entre as linhas e as mescla com as do autor” (Petit, 2013, p. 27).

Ainda com relação ao conteúdo do bilhete, observamos nos trechos “*escrevo essas palavras com um profundo orgulho de você por se aceitar do jeitinho que você é*” e “*saiba que você já é [é] linda desse jeitinho e que seu cabelo é [é] perfeito*” que os estudantes

³ Ao longo da redação do artigo ora proposto, sempre que forem abordadas produções textuais dos alunos, os nomes dos participantes serão suprimidos por uma questão ética.

participantes perceberam a importância da valorização dos cabelos crespos e afro como parte da identidade dos sujeitos negros, como aponta Gomes (2003): “existem outros espaços em que o cabelo é visto numa perspectiva de revalorização. [...] Essa revalorização extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que pertence” (Gomes, 2003, p. 173).

Nas escolas Jonathas Pontes Athias e Dr. Inácio de Sousa, a primeira oficina desenvolvida foi com o conto “O Tapete Voador” inserido na coletânea *O Tapete Voador*, de 2016, da escritora negra Cristiane Sobral. O fio condutor da narrativa trata da relação entre Bárbara e o seu chefe, que em determinado momento do conto, Bárbara pede um bônus à empresa para fazer uma Pós-graduação. Assim, o seu chefe lhe concede a bonificação, porém impõe algumas condições, entre elas a condição de Bárbara, assim como ele, negue suas origens étnicas. Entretanto, a protagonista não aceita o embranquecimento imposto pelo chefe, pedindo demissão.

A oficina foi aplicada em um universo de 64 alunos do 8º e 9º ano da escola Jonathas Pontes e 62 alunos do 8º e 9º ano da escola Dr. Inácio de Souza. Para as duas escolas, a sequência metodológica foi a mesma adotada na escola Oneide de Souza, descrita na parte da metodologia deste artigo.

Um momento importante na oficina literária foi a etapa da sensibilização. Nela, foram apresentadas aos estudantes participantes diversas placas com nomes de personalidades negras e suas histórias de vida. Esses personagens, ao longo da história do Brasil, em diferentes séculos, lutaram nas áreas da economia, política, ciência, esporte, música, cinema, filosofia, jornalismo e literatura para que a população negra conquistasse espaços sociais, discursivos e de fala, tradicionalmente ocupados pela população branca, que historicamente esteve em posições privilegiadas, como nos ensina Ribeiro (2017, p. 88). Como se vê na Figura 02 abaixo:

Figura 02: Organização das placas com personalidades negras.



Fonte: Arquivo do subprojeto, 2025

A leitura em voz alta de trechos do conto foi importante para a atenção coletiva dos alunos participantes, pois cada parte lida, interpretada e (re)criada pela bolsista pibidiana a





partir das marcas estruturais como estética, metáforas, personagens, enredo, narrador, os levaram para o universo do texto literário, segundo Petit (2013), “não se trata de confinar um leitor em uma cabana, mas sempre lhe lançar passarelas, ou melhor, lhe dar uma oportunidade de fabricar suas próprias passarelas, suas próprias metáforas” (Petit, 2013, p. 27). Como observado na Figura 03 a seguir:

Figura 03: Momento da leitura coletiva do conto.



Fonte: Arquivo do subprojeto, 2025.

A cada trecho, a mediadora de leitura ia conversando com os alunos, envolvendo-os no enredo. Quando se chegou ao clímax do conto, houve uma interrupção e a proposição de uma atividade escrita: os participantes foram convidados a escrever, em grupo, o desfecho, que seria compartilhado ao final da oficina. Seguem abaixo alguns trechos da recriação do final do conto realizada pelos alunos das escolas, lembrando que a produção escrita a seguir está tal como foram escritos.

Quadro 02: Texto 01 – Recriação do final do conto “O Tapete Voador”

Após a conversa, o Presidente se direciona ao assunto da carta.

- Bem, eu vi o seu pedido de fazer a pós-graduação.
- Eu queria fazer a pós-graduação. Para consegui mais experiência em uma área do meu desejo, e talvez trazer mais experiências para a empresa.
- Vi seu desempenho e percebi, que você se entrega e dá seu máximo dentro da empresa. Além disso, conversei com alguns dos seus colegas, e graças a você ser uma pessoa muito esforçada eu quero que você tenha um futuro brilhante, já que é difícil pessoas como nós se deram bem.

Autores: Alunos participantes da oficina.

Fonte: Arquivo do subprojeto, 2025.

Em relação ao desfecho do conto proposto pelos alunos participantes, percebemos que eles realizaram releituras da narrativa partindo da concepção do racismo construído historicamente, o qual é refletido nas relações sociais nos mais diversos setores. É revelada em tal texto a existência da exclusão social e a falta de oportunidade por conta da cor/raça e





gênero, como foi exposto nas linhas finais do texto: “e graças a você ser uma *peessoa muito esforçada* eu quero que você tenha um futuro brilhante, já que é difícil pessoas como nós se deram bem” (Alunos participantes da oficina, [grifo nosso]).

Diferentemente dos fragmentos construídos pelos participantes da oficina, no conto “O tapete voador”, de Cristiane Sobral, percebemos que os diálogos entre Bárbara e seu chefe não são harmoniosos como nos desfechos dos alunos. Aliás, são diálogos atravessados por injúrias, por ofensas, por machismo e por negação de sua cor/raça, por parte do chefe, como observamos nos seguintes trechos: “Também já fui negro um dia. Numa fase dolorosa, que procuro esquecer, aliás, pago um ótimo terapeuta alemão, que tem reformulado a minha autoimagem” (Sobral, 2016, p. 11).

A terceira oficina foi realizada nas escolas Oneide Tavares, Dr. Inácio de Sousa e Jonathas Pontes Athias, nos dias 16, 17, 24 e 25 de junho de 2025, respectivamente, com turmas do 8º e 9º ano da Educação Básica. A crônica utilizada nessa oficina foi “Os meninos do Morro da Lagartixa”, presente no livro emblemático *#Parem de Nos Matar!* (2016 [2019]), da escritora negra Cidinha da Silva.

O fio condutor da narrativa em questão é a morte violenta de cinco jovens negros da periferia, que haviam saído para comemorar o primeiro salário de um deles, naquele domingo em que a polícia carioca estava em posição de guerra na entrada da favela. A tentativa inútil e desesperada de Roberto de Souza Penha, Carlos Eduardo de Souza, Cleiton Corrêa de Souza, Wilton Esteves e Wesley Castro Rodrigues de avisar aos policiais militares que eram moradores da comunidade não surtiu efeito, pois o carro em que estavam foi alvejado com 111 tiros na entrada do Morro da Lagartixa.

Diante disso, realizamos a performance intitulada “Corpo-Memória”. Para esse momento, foram disponibilizadas placas com os nomes de jovens negros do bairro Francisco Coelho, conhecido como “Cabelo Seco”, localizado na cidade de Marabá (PA), vítimas de racismo e/ou violência urbana. A partir de duas perguntas, os participantes escreveram uma palavra ou frase que representasse uma experiência de preconceito ou uma vivência relacionada à perda de algum jovem assassinado.

Após esse momento, solicitamos que os alunos explicassem o motivo de terem escolhido as frases ou palavras escritas, respondendo às perguntas expostas acima. Ao final da atividade, todos os alunos levantaram as placas com os nomes dos jovens assassinados pela violência urbana no bairro “Cabelo Seco”, na cidade de Marabá-PA.

Em seguida, realizamos a leitura compartilhada e coletiva com todos os participantes, abrindo espaço para comentários a partir dos seguintes questionamentos: 1- De acordo com a





crônica e com a própria vivência de vocês, quais atitudes e pensamentos da sociedade contribuem para que os jovens negros sejam alvo de tanta violência e desumanização? 2- Por que é tão importante que histórias como essas sejam contadas sob a perspectiva das vítimas e ouvidas com atenção?

O momento dedicado à leitura durante as oficinas é fundamental, conforme aponta Dalvi (2013, p.79): “formar leitores para a vida, no sentido plural desta expressão: leitores para toda a vida e leitores que buscam nos textos literários conhecimento, sabedoria, prazer, crítica e - por que não? - consolação indispensáveis à vida”.

Como proposta de reescrita literária na oficina foi conduzido aos participantes a realização de Fanzines. Em seguida, foram distribuídos recortes de jornais e revistas para que os grupos realizassem a produção de suas narrativas, baseadas na leitura da crônica que havia sido socializada, explicando o motivo da escolha da temática de cada narrativa produzida. Passemos, então, à análise e à leitura de alguns fanzines produzidos pelos participantes.

As produções dos fanzines também trouxeram relatos de outros jovens mortos pela violência urbana, além de histórias sobre feminicídio, racismo, intolerância religiosa, entre outros temas. O momento foi marcado pela criatividade e sensibilidade dos participantes, que deram vida a narrativas reais e fictícias, mas que transbordavam verdade, ao abordarem questões tão atuais e presentes no cotidiano. Conforme mostra a Figura 04:

Figura 04: Fanzines produzidos pelos alunos participantes da oficina.



Fonte: Arquivo do subprojeto, 2025.

Na produção, percebemos que os alunos recriaram a crônica “Os meninos do Morro da Lagartixa”, da autora Cidinha da Silva, para o fanzine, oferecendo um novo suporte à história, de acordo com a forma como leram e compreenderam o texto literário.

Na primeira parte, apresentam as histórias de cada jovem; na segunda, incluem um recorte da matéria jornalística que noticiou a tragédia, utilizando palavras de ordem como “justiça”, “segurança”, “executado”, “apreendidos” e “mortos a tiros”. Por fim, na terceira parte, misturam textos verbais e não verbais com uma clara posição política diante do fato,





conforme trechos como: “Somos negros e não ladrões” e “Não permitimos injustiça!”. Dessa forma, a produção textual dos alunos participantes dialoga com as percepções de Dalvi (2013):

“[...] partimos do princípio de que a literatura, do modo como a estamos pensando (próxima, real, democratizada, efetivamente lida e discutida, visceral, aberta, sujeita à crítica, à invenção, ao diálogo, ao pastiche, à leitura irônica e humorada, à paródia)” (Dalvi, 2013, p. 77).

À GUIA DE CONCLUSÃO

Percebemos que o desenvolvimento das oficinas realizadas em três escolas de Marabá/PA, por meio da leitura de contos e crônicas da literatura negra, contribuiu para a inclusão de temas étnico-raciais e representou uma etapa fundamental para a visibilização das obras de escritores negros, contrariando a construção da História da Literatura Brasileira, que, historicamente, esqueceu, apagou e silenciou os textos literários produzidos por homens e mulheres negros. Além disso, ficou evidente que a literatura negra é uma ferramenta no combate ao racismo, na construção de ações antirracistas e no processo de letramento racial.

Por fim, a literatura negra lida ao longo das oficinas desempenhou um papel indispensável na formação de alunos e licenciandos enquanto leitores de literatura. A experiência com obras de autoria negra ofereceu a possibilidade de refletirmos sobre nós e sobre o outro, pois, por meio dessas leituras, escuta-se esse outro, analisa-se esse outro e, acima de tudo, dialoga-se com esse outro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- ASSIS, Eduardo de. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: EBLE, Laetícia Jensen.; DALCASTAGNÈ, Regina. (Org.) *Literatura e Exclusão*. Porto Alegre: Zouk, 2017. p. 195-216.
- AZEVEDO, Luiz Mauricio. *Estética e raça: ensaios sobre a literatura negra*. Porto Alegre: Sulina, 2021.
- CORSI, Margarida da Silva.; CANDIDO, Weslei Roberto. (Orgs). *A pesquisa em Literatura e leitura na formação docente: experiências da pesquisa acadêmica à prática profissional no ensino*. Volume 2. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2018.
- CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DALVI, Maria Amélia. *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.





GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p.167-182, 2003. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ep/article/view/27905> Acesso em: 03 de maio de 2025.

MICHELLETI, Guaraciaba. *Leitura e construção do real: o lugar da poesia na ficção*. São Paulo: Cortez, 2000.

PEREIRA, Edimilson. Territórios cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira. *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/1035-territorios-cruzados-relacoes-entre-canone-literario-e-literatura-negra-e-ou-afro-brasileira1> Acesso em: 22 set de 2023.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Trad. de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, Cidinha. *#Parem de nos matar!*. São Paulo: Pólen, 2019.

SOBRAL, Cristiane. *O Tapete Voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

